

Palestra de Marcelo Berenstein em 09/05/2020

<https://www.youtube.com/watch?v=BAciTJR8eUA>

Sai Ram

Que felicidade infinita!

Antes de contar alguma experiência, lembro que em uma entrevista, Sai Baba nos perguntou qual era o segredo que os sábios da antiguidade conheciam e praticavam. Obviamente, nenhum de nós sabia a resposta, então Ele disse que o segredo que os antigos sábios da Índia conheciam e praticavam é a gratidão. Então, eu não quero começar sem agradecer primeiro a nosso Senhor Sri Sathya Sai Baba por esta maravilhosa oportunidade de estar conectados coração a coração hoje. E também a nosso Senhor Bhagavan Sri Sathya Sai Baba na forma de Seus instrumentos: Oscar, Sérgio, Kishor, Pablo, Yasna, Leonardo, Maria Cecília e tantos outros que fazem possível que cada sábado nosso coração vibre, nosso espírito se refresque, nossa fé e nossa confiança se reforcem com esses maravilhosos satsang que compartilhamos. Assim que, em nome de todos vocês [palmas] para a equipe que faz com que isto seja possível.

É um desafio maravilhoso. Vou tentar cumpri-lo e estar à altura. Desafio porque tenho que contar só em 45 - 50 minutos os melhores 36 anos de todas as minhas milhares de vidas, porque são nesses 36 anos em que estou consciente, não de que Deus existe, mas de que Deus é uma realidade, que está em mim, eu estou Nele, está em cada lado, está acima, está abaixo, está em cada um de vocês, está nos que crêem, nos que não crêem Nele e se manifesta em cada instante da minha vida.

Então, esses 36 anos, não digo de consciência, mas de intenção de estar consciente, reduzi-los em 50 minutos é um desafio. Outro desafio é que eu falo rápido e têm muitos irmãos do Brasil, então eu vou tentar falar o mais devagar que eu possa. Vou tentar colocar um pouco de freio ao coração e à língua para que vocês também possam compreender.

Esta semana foi vertiginosa. Uma catarata de recordações. Porque como resumir em pouco tempo uma mudança tão fundamental em minha vida como ter conhecido a Sai e minha vida foi como A.C., antes de Cristo, e D.C., depois de Cristo, A.B. e D.B. antes de Baba e depois de Baba. E eu me sinto um bebê que voltei a nascer depois de conhecê-Lo.

Então eu tratei de ordenar e creio que o primeiro que queria compartilhar é como O conheci.

Eu vou contar, se me permitem e se acham que é bom, não apenas anedotas, senão vai ser uma hora entretida, quero tratar da anedota e compartilhar o mais importante, que é não o que aconteceu comigo, mas o ensinamento que veio com essas anedotas, que é o fundamental.

No ano 1985, perdão, eu venho de uma família de origem judia, não éramos praticantes. Acreditávamos, mas não éramos praticantes. Quando eu tinha 18 anos, estava no serviço

E logo começou a guerra com a Inglaterra, pelas malvinas. E eu não era um crente, não que eu fosse cético ou agnóstico, Deus nunca foi uma preocupação, um tema na minha vida. Mas quando vêm as dificuldades, a primeira coisa que fazemos é 'Meu Deus, me ajuda'. Então comecei a ver que alternativa eu tinha para não pegar nas armas. E me disseram que se a pessoa estivesse fazendo curso para tomar comunhão, se fazia nos horários de treinamento militar. Então fui falar com o padre, disse que era de uma família judia, etc, melhor não. E ele disse, bom, primeiro você tem que batizar. E eu me batizei e tomei a comunhão e essa foi a minha primeira aproximação. Nessa experiência senti, não que estava completamente convencido, mas não rechassei. E tudo ficou em 'stand by' por um tempo.

Quando eu saí do serviço militar, minha vida se dissipou completamente. Bebia de noite, por muitas vezes drogas, tomava muito, não assumia responsabilidades. E o amigo, que é meu irmão de alma que fazíamos toda essa vida dissipada, um dia me disse que começou a ir em um lugar onde faziam meditação. A verdade é que não me interessou. Ele me convidava sempre. Então, insistiu tanto que um dia encontrou as palavras exatas para me convencer. Ele disse, vem que é grátis. Eu disse, bom, se é grátis, se não me pedem dinheiro, vou... não tenho nada a perder. Fui. E me lembro que entrei e tinha uma foto do rosto de Swami, nada mais, na entrada. Eu não sabia se era um cantor de rock, se era um parente da família... porque era na casa de uma família onde funcionava esse Centro e perguntei quem era e eles disseram, despreocupadamente, que

era Deus e a pessoa se foi. Eu fiquei, na verdade não aconteceu nada. Não senti absolutamente nada, mas tampouco rechassei.

Mas quando Swami, e disso não tenham dúvida jamais, que Ele planta uma semente dentro de nós, mais cedo ou mais tarde, sempre cresce. Pode ser um jasmim, pode ser uma samambaia, uma erva, que cresce rapidamente, ou pode ser um bambu que demora sete anos para crescer, e cresce sólido. Mas tudo o que faz Swami tem um propósito, tem um 'para que'. E eu descobri o 'para que' desse dia que fui, simplesmente porque era grátis e fui acompanhar o meu amigo. Um mês e meio depois, era mês de julho, eu estava andando próximo a esse lugar onde eu tinha ido cantar, estava fazendo muito frio, ia chover, e na verdade, pela minha ignorância, eu pensei que um Centro Sai era como uma igreja, que está sempre aberta, que quando alguém vai, bate e sempre se abre. Então, bati e a senhora disse que o Centro funcionava quintas e domingos, mas estamos aqui porque é a nossa casa e vamos jantar... se você quiser, medite conosco e depois vá. Bom, eu disse, mas eu não sabia o que era meditar, eu não tinha ideia de que existia um verbo na academia real espanhola que fosse meditar. Então, eu comecei a atuar por imitação. Se sentaram no chão, eu sentei no chão; cruzaram as pernas, eu cruzei as pernas; colocaram suas mãos fazendo esse mudra, coloquei minhas mãos assim; fecharam os olhos e eu simplesmente fechei um, porque eu tinha que ficar atento a que outra coisa teria que imitar. Como não era uma aula de meditação, era apenas a meditação da família e já não tinha mais nada que imitar, fechei o outro olho e fiquei em silêncio.

E nesse momento, não como agora, eu tinha muito cabelo e também crescia para cima, então senti uma mão muito quente e alguém que me chama pelo meu nome e disse Marcelo, e eu abri os olhos e vi o senhor da foto, mas dessa vez de corpo inteiro, até então eu não sabia se se vestia de terno e gravata, de jeans, de túnica, não sabia e me disse, a partir de hoje vai deixar as drogas, o álcool e em poucos dias mais vai deixar a carne e o cigarro. Então, tem 36 anos que não me drogo, que não bebo álcool, que não fumo e que sou vegetariano.

Foi a primeira e a única vez que aconteceu comigo uma experiência desse tipo. E o que aprendi, então, com isso? Que mais do que nós pretendemos conhecer a Deus, que acreditamos que conhecemos a Ele, Ele é o único que nos conhece... nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

Quantas vezes eu digo, provavelmente alguns de vocês dizem em algumas circunstâncias, eu me conheço mais do que qualquer um. Que grande mentira estive dizendo a mim mesmo, por todo esse tempo e todas essas vidas. Somente Deus me conhece como eu sou, em minha verdadeira nudez de alma.

E nunca mais me aconteceu isso, então outro dos ensinamentos que me deixou, não percebi naquele momento, mas com o passar dos anos e as experiências diferentes da vida, foi se ratificando e foi crescendo... Que Deus, às vezes, funciona com a gente como, não sei se em todos os países se fala o mesmo, se meus irmãos brasileiros vão entender, os visitantes médicos, funcionários dos laboratórios que vão aos hospitais e aos consultórios médicos e deixam suas amostras grátis, então o médico, quando nos receita algo, nos dá uma amostra grátis. Eu sinto que no decorrer da minha vida, Deus me deu infinitas, milhões de amostras grátis de como podia fazer minha ananda, como podia cruzar o oceano de samsara, como podia estar em unidade com Ele, ser uno com Ele, vê-Lo em cada um de vocês, de ser feliz todo o tempo... me deu amostras grátis... mas Deus não faz o nosso trabalho, é como o provedor mais maravilhoso do universo. Eu sempre o visualizei como o Ser mais generoso da criação, que sabe o que necessitamos construir, que sabe o que necessitamos reparar, que sabe o que necessitamos gerar, então Ele nos abre todo o Seu armazém de ferramentas e nos diz 'isso é o que tem que fazer, mas você é que tem que fazer', vem e põe as ferramentas e a decisão em nossas mãos.

Mais de uma vez escutei, por exemplo, coisas com as quais, a princípio, quando eu assistia as palestras nos Centros Sai, especialmente as pessoas que voltavam da Índia faziam satsang... eu escutava e dizia que maravilha, que maravilha, que lindo, que bênção e hoje sei que a única bênção em minha vida, a bênção real é o que me acontece e o que eu faço com o que me acontece.

Deus, e abro parênteses ou aspas, tudo o que expresse em minha experiência pessoal não é para convencer a ninguém e nem sequer estou esperando que alguém esteja de acordo ou desacordo, simplesmente é minha experiência, então no caminho espiritual minha experiência é que não existe um porquê. Nós vivemos tão equivocados que diante de tudo o que acontece dizemos 'por quê?'... 'por que me aconteceu isso?', 'por que comigo?', 'por quê'..., 'por quê'... a única coisa que o 'por quê?' gera são respostas de fora... aconteceu

isso porque tal coisa ... aconteceu isso com você porque outra coisa... a culpa é daquele... aconteceu isso porque o cliente não me pagou, porque meu filho uma coisa, porque minha mãe outra coisa... colocamos o porquê lá fora, buscamos culpados, buscamos delegar responsabilidades e isso tem a ver com um conceito que me guia há 36 anos, que me guia.... não significa que eu pratique todo o tempo, nem que eu consiga, mas está aí como uma cenoura em frente, que faz com que eu siga.

É preciso deixar de lado a preguiça espiritual, a comodidade espiritual e é um risco que temos, especialmente as pessoas que estão em um caminho... não importa qual, pode ser esse conselho ou qualquer outro, pois todos os caminhos conduzem ao único Deus. Mas quando enche o disco rígido de conhecimento.... buscamos e buscamos e buscamos justificativas para tudo o que nos acontece. Uma mudança, a pergunta real para mim não é o 'por quê', mas o 'para quê'. E quando eu busco o 'para quê', sempre encontro. Encontro respostas, encontro oportunidades, encontro consolo, encontro conforto espiritual e se vai a preguiça, porque o trabalho é absolutamente meu. Ao amor, acrescento o suor.

Outra lição que me veio nesta semana de forma muito forte é que tudo o que Deus faz é bom e que tudo é vontade Sua. Não podemos modificar sua Vontade.

Parte da preguiça espiritual – e peço desculpas se pulo de um assunto para outro, mas tudo está atrelado... Parte da preguiça espiritual é dizer essa frase que é tão comum e que eu já escutei tantas vezes e vocês já escutaram outras tantas: “É a Vontade de Deus”. Claro que é a Vontade de Deus, mas essa é a resposta fácil. Se, nesse momento, eu preciso fazer alguma coisa... digamos, se nesse momento eu preciso chamar a ambulância porque alguém está precisando e eu não faço isso e essa pessoa sofre; claro que é a Vontade de Deus que essa pessoa sofra e tenha suas consequências... ou algo bom, não importa. O que é bom e o que aparentemente não é bom, tudo é a Vontade de Deus. Mas nós temos que decidir que caminho tomar. O caminho do dharma ou do adharma; do correto ou do que não é correto; o caminho da verdade ou da inverdade; o caminho da não-violência ou da violência; o caminho da paz ou o caminho da falta de paz; o caminho do amor ou o caminho do desamor. Deus sabe... mas nós escolhemos qual caminho seguir. É como se eu quisesse ir de Asunción a Caacupé, a 30km de distância. Eu sei que, se for de carro, vou gastar 30 minutos; se pegar o ônibus, vou levar uma hora e meia; e se for a pé, vou levar 10 horas. E Deus sabe que, dependendo do meio de locomoção, eu vou chegar em dez, em três, em uma ou em meia hora. Mas eu tenho que escolher como ir. Então, no caminho espiritual, o “para quê” é descobrir o caminho que eu tenho que seguir para chegar mais rápido à meta.

E eu dizia que outro ensinamento é que tudo o que Deus faz é bom e tudo é Vontade Sua. Eu vou contar dois casos muito semelhantes, mas com finais diferentes: como é quando a Vontade de Swami corresponde ao que o indivíduo quer e quando a Vontade de Swami não corresponde ao que ele quer. Mas tudo é Vontade Sua.

Em 1987 eu estava desempregado. Não tinha dinheiro. E em dezembro de 1987 se aproxima um irmão em Sai, um irmão, um amigo do Centro Sai, com um envelope e me diz: “Pegue, é para você”. E me dá exatamente o valor de uma passagem de avião para ir à Índia ver Swami.

E eu devolvi. E disse a ele que não queria porque eu não seria capaz de devolver um centavo, já que estava sem trabalho. E ele disse: “Se você me devolver um centavo, nós deixamos de ser amigos e não vou cumprimentá-lo mais”. E eu aceitei. E aqui outro ensinamento. Às vezes não aceitamos o que Deus tem para nós, especialmente quando é algo muito bom. E às vezes aceitamos sem reconhecer que é de Deus, porque nos aferramos a Ele na necessidade, mas às vezes esquecemos na prosperidade. Então Deus está em todos, aceitem eles ou não. E essa consciência que estou compartilhando eu não tive naquele momento. Mas aceitei. E era exatamente o valor da passagem. E eu pensava inconscientemente – eu tinha 22 anos, era mais jovem, mais tolo, menos experiente – e pensava: preciso viajar agora, porque, sem trabalho, por quatro encarnações eu não vou poder viajar. Então preciso ficar o maior tempo possível. E eu coloquei como meta ficar seis meses, mas não tinha um emprego. Comprei a passagem para viajar no dia 3 de janeiro de 1988 e já estávamos em dezembro. E eu não tinha um emprego e não tinha dinheiro; minha família também não tinha dinheiro para me emprestar e que eu pudesse devolver depois. Mas quando

Swami quer, o universo conspira a favor. Me liga uma conhecida; nem sequer uma amiga; uma conhecida de um conhecido.

E diz: “Marcelo, me disseram que você é dublê de risco”. E eu nunca tinha feito isso, nunca tinha trabalhado como ator. Era a coisa mais distante não só do meu mundo, mas da minha mente. Mas eu disse que sim. E disse: “Estamos fazendo um filme e precisamos de um dublê de risco. Você tem que estar amanhã em tal hora em tal lugar”. Eu fui no dia seguinte naquela hora, naquele local; eles me disseram o que iriam me pagar e aquilo era o suficiente para passar os seis meses na Índia. Naquela época eu tinha o cabelo grande, por aqui. O papel que eu precisava fazer era de uma senhora de setenta e poucos anos. Então prenderam meu cabelo e colocaram uma peruca. A minha cena era de uma senhora que viajava de avião com uma gaiola de passarinho e, quando ela ia sair do avião, soltavam a cadeira de rodas e eu tinha que cair com a gaiola do passarinho, fazendo toda essa cena. E quando chegou a hora de filmar, tinham colocado uma rampa de madeira lisa e eu não tinha nenhuma proteção. Imagine ser solto da altura do avião, que são o quê, seis, sete, oito, dez metros, e eu não estava preso. E ainda tinha só uma mão, porque a outra precisava segurar a jaula do passarinho. Eu me recusei a fazer isso. Mas já tinham pagado. E como tinham pagado, me colocaram na cena final do filme, em eu estava num carrinho cheio de malas e via que o avião estava caindo na minha direção. E quando estava quase em cima de mim, embicava e recuperava o voo. Então eu tinha que sair rolando pela pista. Fiz essa cena e fui para a Índia por seis meses. Lembrem-se, então: eu não tinha um emprego, não tinha poupança; alguém veio e me deu o dinheiro da passagem; não tinha trabalho para pagar a estadia e consegui um trabalho que não tinha nada a ver comigo e que alguém desconhecido me ofereceu sem me conhecer. E fui para a Índia.

No ano de 2002 ou 2003, não me lembro, eu estava no meu trabalho e aparece, por mensagem, um colega que eu adoro, da escola primária, e que talvez esteja escutando essa fala. Ele me chama pelo apelido que não uso há 40 anos: “Sanchi, você conhece Sai Baba?”. “Sim”. “Preciso, preciso vê-Lo”. “Tudo bem, eu te passo tudo”. “Não, não, precisamos ir juntos.” “Mas nesse momento eu não...” “Temos que ir juntos, temos que ir juntos”. “As pessoas que eu conheço estão querendo ir, mas os voos estão todos cheios.” Então ele diz: “Espera, eu vou conseguir o que for necessário. Me diz que você quer ir e eu consigo.” Eu digo que companhia aérea... Ele me escreve em 10 minutos e me diz: “Sanchi, me dá o número do seu passaporte”. “Não, se eu não posso pagar o meu...” “Não, vamos juntos com minha esposa.” “Mas veja que viajamos dia em breve e o passaporte está desatualizado”. “Você vai amanhã e vou garantir que arrumem seu passaporte”. Fui renovar o passaporte no dia 29 de dezembro; no dia 30 o retirei. Os argentinos sabem perfeitamente o que era fazer aqueles trâmites de passaporte e como demoravam. Mas em 24 horas eu tinha a passagem. E esse amigo foi fazer alguns negócios na Europa; era representante de jogadores de futebol e eu tinha que levar um jogador argentino que estava na Alemanha para a Inglaterra. E parece que se complicou, porque não voltava, não se conectava, e faltava muito pouco para a viagem. Eu precisava deixar as coisas organizadas em Buenos Aires, tinha que combinar no trabalho se ia tirar férias ou não e fazer um monte de coisas. E ele não se manifestava. Então um dia eu liguei na companhia aérea. E disseram: “Não podemos dar, obviamente, a lista de passageiros”. Eu disse: “Veja, não quero a lista; me diga se eu estou no voo. Eu sou fulano de tal, este é o meu documento”. “Senhor, efetivamente, você sai em tal dia e viaja de primeira classe”. E eu: “Obrigado, Swami!”. Nunca me interessou o futebol alemão ou inglês, mas via todas as partidas e torcia que esse rapaz fizesse 500 gols, fosse o destaque do jogo e que fosse vendido rapidamente e que pudéssemos ir para a Índia felizes. E chegou o dia do voo e não pudemos viajar. E fiquei tão feliz em 88 quando viajei quanto em 2002, quando não pude viajar. A mesma anedota, tudo parecido, que me dão o dinheiro para viajar quando eu não podia viajar e diferentes resultados no externo. Porque o interno foi maravilhoso. Essa é uma das maiores e mais lindas lições: aceitar a Vontade de Swami quando ela não é do nosso agrado. Porque é fácil aceitar a Vontade de Swami quando fechamos um contrato, quando recebemos uma boa nota, quando alguém nos dá boas notícias. Mas é maravilhoso, infinitamente mais maravilhoso, quando reconhecemos Sua mão, reconhecemos Sua pegada, vemos Sua assinatura em tudo o que está acontecendo conosco e aceitamos.

Outra coisa que aprendi e aprendo com Sai é que Ele tem um método personalizado com cada um de nós. Podemos ler seus livros, seus discursos ou ouvi-los no Youtube; mas mesmo ouvindo as mesmas palavras, o ensinamento é diferente e é personalizado para cada um de nós. E, no meu caso, como eu costumava ser cético e muitas vezes preciso ver para crer, Swami me fazia ver. O que contei antes vocês devem ter escutado em alguma fala. O que vou contar agora nunca disse publicamente. Alguns sabem, mas nunca contei publicamente. Na época da minha primeira viagem, em 1988, eu era muito preconceituoso. Embora tivesse deixado para trás um passado de drogas e de noite, era muito conservador na minha mente e muito preconceituoso. Eu estava parado perto da recepção, ou Accomodation, que, para os que não estiveram no ashram, é onde as pessoas que chegam precisam deixar seus documentos, perguntar se há alojamento dentro do ashram, etc. Não é um lugar onde as pessoas costumam ficar; em 88 o ashram não era um quarto do que é hoje. Não havia nenhum atrativo, nenhum motivo para eu estar ali, não sei por que estava ali. Não sei por que até acontecer o seguinte. Chega um travesti da Alemanha. Todos ficamos chocados, inclusive as pessoas da recepção, que não sabiam o que fazer. Imaginem o que era a mentalidade na Índia trinta e poucos anos atrás. Olhavam desesperados uns para os outros. Então alguém foi falar com Swami ou com algum assistente de Swami para perguntar o que fazer. Essa pessoa voltou e disse: “Swami pediu que o alojem num quarto com as mulheres”. E no dia seguinte – havia milhares e milhares de pessoas ali – quando vou ao darshan, volto a cruzar com esse travesti. Estava maquiado excessivamente. E Swami saiu para dar o darshan, saiu para caminhar, e foi direto para onde ela estava. E lhe deu orientações de como ser sutil, que não era necessário se pintar assim, vestir-se de forma tão estridente... Como a mãe mais amorosa. E a partir daí já não julgo mais. Quando as pessoas perguntam o que Swami diz sobre esse tema, se não o encontra nos livros, busque no seu coração, porque a resposta está lá. Eu tive a resposta nesse momento e já não julgo ninguém; que cada um faça da sua vida o que quiser fazer. O que está correto é seguir pelo caminho do amor, da paz, da verdade, da retidão e da não violência. Que nossas vidas sejam sua mensagem.

Swami também me ensinou de forma direta a não abandonar... se bem que, sendo taurino, sou um pouco cabeça-dura... Antes dessa anedota eu dizia que, por preguiça espiritual, perguntamos: “Será que Deus não quer?” “Vou deixar para depois...” Aconteceu que estávamos em Whitefield em 1993, então combinamos entre os latinos, que éramos poucos, que iríamos oferecer algum serviço dentro do ashram, para limpar algo, por exemplo. Então falamos com o administrador do ashram e dissemos: somos um grupinho de língua espanhola, queremos fazer algum tipo de serviço para a manutenção do ashram. Então responderam: “Que serviço vocês têm em mente?” “Por exemplo, tirar as pedrinhas da frente do alojamento, para que os que andam descalços não pisem nelas”. “Atrás desse prédio de alojamento, no fundo, a grama está muito alta. Venham amanhã para capinar esse lugar.” E nos deu um ensinamento: “Serviço não é fazer o que desejamos, mas o que o próximo necessita. Se querem tirar pedras, façam por conta própria; se querem fazer serviço no ashram para Swami, precisamos que alguém capine a grama”. E dissemos que sim porque pensamos que nos dariam aparadores elétricos. Mas nos deram essas ferramentas da Índia, como foices. E não tinham um braço longo, então precisávamos ficar agachados. São ferramentas que eles usam, mas nós no Ocidente não temos o costume de ficar agachados o tempo todo, trabalhando em tarefas manuais. E havia um sol incrível. Quando vimos o lugar, parecia que eram 500 hectares de grama alta assim. Não terminava nunca. Então olhamos uns para os outros e queríamos desistir antes de começar. Então chegou John Behner do nada, não sei por que chegou ali, porque ele não sabia, não havia sido parte nem do pedido nem da proposta. Mas ele chegou ali e não perguntou nada, sobre como estávamos, como nos sentíamos. Simplesmente parou e disse: “Quero contar uma coisa. Vocês sabem por que, quando chegam a Whitefield, todos os Ocidentais querem fazer serviço na cozinha, mesmo sem saber cozinhar e sem gostar de limpar? Todos querem ir à cozinha porque sabem que Swami aparece de surpresa e querem ter um darshan a mais. Deixem esse lugar tão impecável que Swami poderá vir aqui caminhar, vir de helicóptero ou o que for... para que Ele possa vir.” E assim como veio sem que o esperássemos, também foi embora rapidamente. E nos olhamos uns aos outros e posso garantir que em duas horas esse terreno de “500 hectares”, que talvez tivesse só 40 metros, que nos parecia imenso, estava com a grama absolutamente impecável. Como esse, muitos ensinamentos... em forma direta.

Veja o poder da intuição – me ensinou Swami... Ou melhor, eu aprendi, porque Ele ensina tudo e cada um aprende o que pode, no momento preciso. Mas aprendi a confiar na minha intuição. No ano de 1991, março de 1991, eu fui de lua de mel a Kodaikanal. Passaram alguns dias e eu disse à minha esposa: tenho a intuição de que amanhã, para o darshan, em vez de entrar com o número de filas –se alguém na audiência não sabe, darshan é quando Sai Baba sai para caminhar entre as pessoas, significa visão do divino; e para entrar era preciso fazer filas, que eram organizadas de acordo com a quantidade de pessoas; quinze, vinte, trinta filas; o primeiro da fila sorteava um número e as filas entravam na ordem; tanto as mulheres, de um lado, quanto os homens. Então não sei por que razão mágica e misteriosa eu disse à minha esposa: tenho a intuição de que amanhã não vai haver filas, que vamos entrar por ordem de chegada, porque algo importante vai acontecer. E Kodaikanal é um lugar frio, muito úmido. As filas eram formadas nas margens do lago, e geralmente havia muito orvalho, muita umidade, barro... E o darshan era às 10 da manhã. E disse a ela: “Eu tenho essa intuição, devo ir às 4 ou 4h30 da manhã”. E ela disse: “Você está doido. Mas se quiser, vá, eu não vou acompanhar, vou na hora de sempre”. Perfeito. Cheguei 4h50min da manhã e já era o segundo, havia outro intuitivo na minha frente. E, dessa forma, nesse dia entramos por ordem de chegada. Swami deu um discurso maravilhoso, um dos discursos mais incríveis para devotos estrangeiros. Simplesmente para os estrangeiros, como uma grande entrevista, mas no formato de discurso. E, no meio, quase terminando o discurso, Swami me vê no meio de toda a gente e começa a falar comigo, me pergunta se sou da Argentina, e outras tantas coisas... E me pergunta o que eu quero. Eu disse: paz mental. E aí me deu uma resposta maravilhosa e continuou falando, se dirigindo a mim. E depois me chamou à frente e me deu esse anel que tenho no dedo. E no momento em que me deu, o anel se deformou e não consigo mais tirar. Não sei se dá para a ver na câmera, mas tenho aqui uma região protuberante que não permite que eu tire o anel. Me perguntou, claro, onde estava a minha esposa, e eu não tinha ideia; supus que estava lá fora. Eu estava tão feliz, tão feliz... mas imaginem: a mente e o coração estavam tão alvoroçados que tempos depois não lembrava do que Swami tinha dito textualmente. Achava que lembrava, mas anos depois esse discurso apareceu filmado e agora está legendado em espanhol em “saibabavideos” e é um discurso que recomendo com todo o meu amor, com todo o coração; se chama “Sai Baba fala com os devotos estrangeiros”. E já no final, no minuto 55 e 34 segundos, começa toda a fala comigo, que é o menos importante para vocês, mas que foi um marco na minha vida.

Eu lhes dizia que ao amor eu acrescento o suor, mas fundamentalmente o componente básico do amor é o humor; não posso viver sem brincar, sem rir... Não posso; quero, mas não posso. E graças a Deus que cada vez quero menos e sou mais feliz rindo e fazendo piadas. Além de “ser um com Deus” e além de “ser um mensageiro de Sai na minha vida” não encontro nada tão sério que mereça ficar sério e perder o humor. Eu me recuso a entregar aos outros o poder sobre o meu humor. E Swami é tão divertido comigo. Nas vezes em que tive a oportunidade de ter algum tipo de contato com Ele, era tão divertido. Tão divertido que depois todos riam e, durante anos, pessoas que eu não conhecia, mas que tinham visto isso em palestras, me perguntavam: “você ainda faz sua esposa chorar?”. E eu estava de lua de mel; nem tínhamos tido tempo de brigar! Nos casamos e fomos à Índia no dia seguinte.

Outro ensinamento maravilhoso é que Deus é sempre Deus. Parece uma frase comum, uma bobagem. Mas a coluna vertebral para o meu caminho espiritual – falo por mim, não por vocês – é a coerência. Então Deus é sempre Deus, não importam as circunstâncias. Importa a coerência. Assim como eu contava a mesma anedota com dois finais diferentes no caso da viagem, vou contar outra anedota com dois finais diferentes. Nessa primeira viagem éramos um grupo maravilhoso de 17 argentinos. Viajávamos via Moscou, que na época ainda era comunista. Para chegar a Moscou foram quase 24 horas de voo, 6 horas de voo até a Bahia, 6 horas de voo até um lugar que se chama Ilha do Sal – que não sabia que existia e hoje acho que é de fantasia, porque nunca mais voltei a escutar de Ilha de Sal – daí à Argélia e daí a Moscou. Em Moscou a conexão para a Índia saíria em quatro dias, então nos deram um visto para ficar em Moscou – foi também um presente maravilhoso de Sai poder conhecer Moscou, que na época ainda era comunista. E quando estávamos no aeroporto, já para ir para a Índia, vimos um guru, vestido de laranja, barba branca, com seus

seguidores atrás. E nos aproximamos; éramos todos jovens, era nossa primeira viagem e para nós um guru era um Guru, assim com maiúscula; alguém que merece respeito, devoção, reverência. E nos aproximamos e começamos a conversar; não o conhecíamos de nome, mas disse que tinha alguns devotos na Argentina; disse o nome de alguns que inclusive conhecíamos do Centro Sai. E pensamos, “Uau, que presente ir ver Swami e como prévia Ele nos presenteia com um guru, no aeroporto comunista de Moscou”. E começamos a segui-lo por todos os lados, sem que ele soubesse; não queríamos incomodar. E foi ao Free Shop, comprou duas garrafas de uísque e as guardou dentro da sua túnica. E assim viajei no avião com esse guru. Que tinha devotos que falavam maravilhas, mas que, quando se viu sozinho, foi comprar duas garrafas de uísque. E nessa viagem, depois de dois meses na Índia, estávamos em Whitefield, em Brindavan, e começou a correr um rumor de que Swami iria a Bombaim. E Swami brincava muito com as palavras; primeiro porque era a encarnação do melhor humor possível no universo; segundo porque ele não faz nada “porque”, mas “para que”. Esse humor carregava muitos ensinamentos. Então, no darshan, Ele veio até onde nós estávamos; eu estava com um devoto argentino, Carlos Rivas. E perguntamos: “Swami, é verdade que você vai tal dia para Bombaim? Se é assim, podemos ir com vocês?”. Ele olhou para nós e disse: “You know/no”. O que quis dizer? “Vocês não (you no)” ou “vocês sabem (you know)”? Com uma resposta simples, duas palavras, nos deixou pensando e tentando nos conectar durante muitos dias. E a resposta certamente foi “vocês sabem” e sabíamos que, se Swami ia viajar de avião, faríamos todo o necessário para que, por Sua Vontade, fôssemos de avião com Ele. E viajamos com Ele de avião. E não foi a nenhum Free Shop comprar uísque. Como o avião era grande, um Airbus, primeiro nós entramos; Ele fazia todos os trâmites como qualquer outro passageiro; ou faziam aqueles que estavam com Ele; estava o Dr. Goldstein e outras pessoas. Não houve nenhum tratamento diferenciado; Ele era mais um. Mas quando saiu na pista, todo o aeroporto caiu a Seus pés. E quando entrou no avião, as aeromoças, pilotos, comissários de bordo, todos a Seus pés. E, durante toda a viagem, Swami não colocou os fones de ouvido para escutar música, ver televisão, nem ligou Ipad, nem viu notícias. Quando foi permitido tirar o cinto de segurança, Ele fez um gesto e se formou uma fila; quase todos os passageiros do avião fizeram uma fila que dava a volta no avião, para podermos ir até seu assento e receber seu darshan, suas bênçãos. Então Deus é sempre Deus, não importam as circunstâncias; importa a coerência. Então um guru num avião me mostrou que uma coisa é dizer e outra coisa é ser e fazer. E Swami me mostrou em outro avião que ser, fazer e dizer precisam estar em sintonia, se não a coisa não funciona. Não funciona para ele, não funciona para mim.

Eu sempre tive uma relação... Para mim Deus é meu melhor amigo, não é alguém que está lá em cima, distante. E ainda que esteja aqui dentro, é meu melhor amigo. E, com meu melhor amigo, falo de coisas profundas, mas também faço brincadeiras, e também fazia isso com Swami. Nesse momento no avião em que pudemos nos aproximar, eu levei uma foto para Ele assinar. Então me ajoelhei, Ele assinou a foto; e continuou segurando a minha mão e falando e interagindo com todos que estavam atrás de mim. Comigo ajoelhado de mãos dadas. Em certo momento, me disse: “Volta ao seu assento”. E, quando chego no meu assento, digo a Carlos: “Olha, Swami pode ser Deus, mas roubou minha caneta; ficou com Ele”. Como se tivesse escutado, Ele se voltou, jogou a caneta; abri a mão e caiu bem em cima. E com um sorriso.

Swami é tão maravilhoso que as coisas que precisam acontecer vão acontecer com ou sem a nossa vontade; vão acontecer quando Ele quer e se Ele quiser. Não sabíamos quando Swami voltaria; estávamos em Bombaim. E só havia rumores. E a rotina em Bombaim era de manhã, darshan; de tarde, darshan e discurso; mas durante o dia não havia muito o que fazer. E muitas vezes o Dr. Goldstein saía e falava conosco, dizendo que nem eles sabiam: “Às vezes sabemos e não podemos dizer, porque Swami nos pede, mas dessa vez Ele não nos disse quando retornaremos”. Então lembro que, com Carlos, precisávamos resolver uns trâmites com nossas passagens de volta. Então aproveitamos e fomos ao aeroporto de Bombaim. Na época, era um aeroporto muito pobre, muito simples, mas estava dividido entre doméstico e internacional. Então dissemos ao motorista do rikshaw que íamos ao aeroporto internacional. Mas ele se equivocou e nos deixou no doméstico; nós, conversando, não percebemos. Então fomos até um balcão para perguntar como chegar ao aeroporto internacional. E Carlos, que usava óculos com muito grau e não via muito bem sem eles – não sei como fez isso, no nível mundano, claro, porque sei que foi a vontade de Swami, claramente – à distância viu

um computador com essas letras verdes. Eu não enxerguei. Mas disse: dia 21 de fevereiro, voo tal, assento número 1, Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. E ele perguntou e era mesmo. De modo que a Vontade de Swami foi que o motorista de rickshaw se equivocasse e nos deixasse no aeroporto errado, e que Carlos fizesse um milagre com a sua vista. E aí compramos as passagens e voltamos no avião com Swami pela segunda vez. Nessa segunda viagem, eu pedi permissão e Ele disse que sim, então foi caminhando pelo avião e eu ia atrás tirando fotos. Tenho aproximadamente 60 fotos com Swami no avião, que eu tirei. “Tenho” entre aspas, porque alguém me pediu emprestado há alguns anos e não sei quem foi, então não tenho mais. Pude percorrer todo o avião tirando fotos de Swami, até na cabine do piloto.

Nessa mesma viagem, a mesma anedota com resultados distintos, mas dessa vez anedotas divinas. Minha experiência com Swami é que a cada tanto tempo ele me chama para a mesa de exames. De tempos em tempos, me chama para a mesa de exames. Nessa primeira viagem, tive a oportunidade de, na sala de entrevistas, caminhar segurando Sua mão, de fazer mil coisas. E em algum momento ele me faz parar no darshan e me diz: “É melhor que você sente”. Quando me toca, em seguida meu fígado ficou assim, como se saísse do corpo e fosse explodir. Cheguei ao meu quarto e tinha quase 42 graus de febre. Me atenderam os médicos... E eu não podia ir ao darshan, porque naquela época não havia dentro de Whitefield; eu estava a 600 metros e não tinha forças para caminhar. E um dia pedi para me levarem de rickshaw e consegui ir. E eu queria agradecer, não queria pedir que me curasse; queria apenas agradecer pela purificação, pois era isso que eu sentia que estava acontecendo. Então Ele se aproximou de onde eu estava e, quando ia dizer isso, nos chamou para a entrevista. E o meu fígado foi reduzindo, reduzindo, reduzindo; a febre foi desaparecendo; e na entrevista me disse: “Como você está?”. “Bem, Swami”. “Agora, quando me vê, está bem; mas quando não me vê, sua mente vai e vem, vai e vem. E você se distrai com as luzes coloridas lá de fora” E ficou com a o rosto severo e disse: “Não faça isso”. Passaram 33, 34 anos desde essa entrevista e não há um único dia em que não vejo o rosto de Swami quando estou prestes a me equivocar, dizendo “Não faça isso”. E lembro perfeitamente que nessa entrevista perguntamos sobre alguma atividade para o Centro e Ele disse: “Por enquanto não. Porque primeiro é preciso ser, depois, fazer e, finalmente, dizer”. Coerência.

A próxima anedota que lembro e quero compartilhar, se me permitem... Há uma canção, que acho que é do Brasil, um canto devocional do Brasil, que diz: “Abro as janelas do meu coração. Entrego, confio, aceito e agradeço”. Me lembro sempre dessa canção e, claro, sempre que conto isso por aí alguma lágrima escapa. Tenho dois filhos; o mais velho tem 28 anos. E tudo estava bem na gravidez. A mãe é bioquímica, trabalhava em um laboratório naquela época, e a dona do laboratório, sua chefe, era a esposa de um dos obstetras mais conceituados do país. Então nos consultamos, nessa época, com os melhores profissionais que havia. Estou falando de 1991. Fizemos a última ecografia prevista; até ali estava tudo bem. E o radiologista vê a ecografia e sai. E não percebi que algo estava acontecendo, porque saiu de forma muito abrupta. E volta e me coloca no telefone com o obstetra, que diz: “Lamentavelmente, provavelmente por causa dos produtos químicos aos quais sua esposa estava exposta no laboratório, seu filho sofreu um problema de alimentação intrauterina retardado. Ou seja, houve um momento na gravidez em que houve um corte na sua alimentação normal, então os órgãos não coincidem entre si e com a semana de gestação.” E me lembro literalmente, que a deixei e fui correndo chorando, parecia esses filmes americanos dramáticos. Chorava pela rua correndo e fui ao meu escritório. Trabalhava naquela época com Carlos Rivas, que talvez estivesse em reunião, mas abri sua sala e me pus a chorar desconsoladamente. E de noite voltei para casa e disse à minha esposa: “Vamos fazer o seguinte. Vamos fazer uma meditação.” Então nos sentamos um na frente do outro; eu aqui e ela aqui; visualizávamos uma luz, como se fosse um vértice de um triângulo que descia, nos cobria e terminava debaixo de nós. E para não me estender, porque já estamos sem tempo, dizia basicamente: “Cada um vai ter que cumprir seu dharma. Mamãe, seu dever vai ser repousar e só levantar para ir ao banheiro. O dharma do papai vai ser trazer dinheiro para casa e fazer todas as tarefas domésticas para que a mamãe possa repousar. E o seu dharma é se alimentar”. Tínhamos consulta com o obstetra na semana seguinte, porque nos disse: “Vejam, na condição que seu filho está, não tem mais condições de se recuperar. O melhor é fazer uma cesariana, tirá-lo e tentar alimentá-lo aqui fora”. E fomos na semana seguinte. Não houve nenhuma mudança na saúde do meu filho, mas não foi possível fazer a cesária, não me lembro por que. Fomos uma semana depois, mas o obstetra tinha um congresso e não estaria presente. Não

conseguimos fazer a cesária, e também não houve nenhuma mudança. Na terceira semana aconteceu algo semelhante e na quarta semana já era a data prevista do parto. Então o radiologista faz a ecografia, faz de novo, mais uma vez, bate no aparelho. Estamos falando de instrumentos médicos avançados, mas de 91, não é como agora. E vai embora. E volta com lágrimas nos olhos e diz: “Eu não sei qual é o seu Deus, mas foi a primeira vez em 30 anos de medicina que vejo algo assim. Seu filho está totalmente recuperado, tem todos os parâmetros normais e inclusive se virou de forma que, se quiserem, podem até fazer o parto natural”. E pensamos que como prêmio pelo seu esforço e por ter cumprido o seu dharma, faríamos a cesária para ele não precisar passar pelo parto. E, no dia da cesária, me lembro da cara da enfermeira que olhava para a foto de Swami e dizia: “Nenhum de vocês é negro; por que tem esse avô?”. E veio o médico, neonatologista, e disse: “Não se ofendam, mas acabaram os uniformes verdes. Não se preocupem, mas vamos usar o laranja”. E olhamos um para o outro e dissemos “Sai Ram”. E meu filho nasceu normal. Lembro que o levamos ao melhor pediatra possível, mais caro do que podíamos pagar, e na primeira consulta nos diz: “Vejam, seu filho está muito bem, mas não se preocupem se tiver uma curva de crescimento menor. As crianças com alimentação intrauterina atrasada, ou com problemas de alimentação durante a gravidez têm uma curva de crescimento mais lenta que com o tempo se iguala à padrão.” Depois de um ano esse mesmo médico colocou de dieta nosso bebê de um ano. E Yair também tem uma história maravilhosa. Estávamos na Índia em 1991 em Kodaikanal. E ali não havia alojamento. Era preciso ficar na casa de devotos ou de alguém que alugasse sua casa, porque também não havia muitos hotéis. Então alugamos um quarto na casa de uma família hindu. E só cruzávamos com eles em alguns momentos no dia. O diálogo era “Good morning, good afternoon, see you tomorrow” e nada mais. E uma noite, a mãe de Yair acorda de manhã muito sobressaltada, quase chorando e diz: “Sonhei que Yair nascia hoje”. Então ficamos atentos. Fomos ao darshan e foi a primeira e última vez que esse casal nos convidou para almoçar. E eles nos contaram que tinham acabado de chegar em Kodaikanal. Era o ano de 1991. Antes, estavam vivendo em Kuwait. Ele era professor universitário e ela era concertista, de um instrumento indiano chamado vina. Ele era engenheiro, tinha uma profissão em ciências duras. E nos conta que sua grande paixão era estudar as almas, o que acontecia com as almas. Era um estudioso das almas, desde antes de nascer até depois de deixar o corpo físico. E ele ainda não sabia que estávamos esperando Yair. E começou a falar da alma: “a alma do bebê entra e sai, entra e sai, entra e sai, e se fixa no quinto mês”, que era o mês da gravidez. E aí nos entreolhamos e percebemos que Swami nos fez saber qual havia sido o dia em que a alma de Yair se fixou no seu corpo. E com meu outro filho nós estávamos... Acho que já é hora de encerrar, e ainda falta muito para contar... Com Joel estava no ano 95 para a Conferência Mundial, e depois fui para seu Aniversário. E no dia 21 de novembro Swami nos chama para uma entrevista. E me pergunta como está meu filho. “Bem, Swami”. E me pergunta: “Quer outro? Porque tenho aqui a sua alma” E quem vai dizer que não a Deus? Então voltei a Buenos Aires. Eu tinha viajado sozinho. Tentamos, tentamos, mas nada aconteceu. Isso foi em 1993. E em dezembro de 1994, minha esposa viaja sozinha à Índia. Acho que era Natal. E me liga e diz: “Estou com um atraso”. E disse para ela comprar um teste e fazer. Faz o teste, dá positivo e nesse dia Swami sai, vai direto até onde ela está com um quadro negro e faz um Om. E assim meus dois filhos têm sua história com Swami e os dois são seres de luz, seres maravilhosos, seres que são professores dos seus pais. Finalmente... acho que já estamos com o tempo avançado, mas se me permitem três minutos a mais... já não quero contar uma anedota, quero contar uma convicção que tenho. Desde que conheci Swami, desde o primeiro dia – não demorei nem dois dias – desde o primeiro dia estou na Organização Sai. E nunca, nem por dois minutos, coloquei um pé fora dela. Não quero dizer, para os que estão, que não vão embora; nem para os que saíram, que voltem: cada um age como quer, cada um sabe onde está o seu caminho. Mas o meu é este. É este porque, se me afastar um pouquinho, me perco. Sempre me lembro de quando Swami me disse nessa entrevista: “Você se confunde e se deixa capturar pelas luzes de fora”. E lá fora está cheio de luzes. Então este é meu ambiente seguro, a Organização Sai. E não estou de acordo com muitas coisas, claro, é claro que posso não estar de acordo com algumas decisões. E quem sou eu para julgar. Entrego, confio, aceito e agradeço. Tento cumprir o meu dharma e me ocupar com isso; que cada um faça o que quiser com seu dharma. Que cumpra ou deixe de cumprir, que faça bem ou mal; não posso julgar. Simplesmente tenho que estar concentrado no meu. Então, para fechar, quero dizer que estou convencido de que, apesar de que, quando Swami deixou Sua forma física, podemos ter sentido dor, era o que a Organização precisava para .

Eu sinto que hoje a Organização Sai está melhor, como nunca. Mas não pela quantidade. “Ah, mas no meu Centro antes éramos 40 e agora somos três” Três com qualidade servem mais que 40 sem compromisso. “Ah porque antes fazíamos não sei quantas atividades, agora só uma”. Poder abrigar alguém que tem frio é tão impactante como abrigar mil pessoas com frio. O mais importante é a qualidade. Antes – e falo em primeira pessoa e falo por muitos que estão escutando aqui – quando tínhamos um problema, dizíamos: “Bom, vou à Índia e pergunto a Swami”. Ou se alguém vai, leva essa carta. Então nos colocávamos para fora, ainda que estivéssemos aos pés do Criador. Não nos conectávamos interiormente. Dizíamos: se eu tiro a primeira fila, é um sinal; se pega a carta, é um sinal; se beijo seus pés, é um sinal; sempre buscávamos sinais externos. Uma vez eu precisava decidir entre deixar ou não um trabalho muito bem pago por outro que me daria muito prestígio profissional, mas pelo qual ganharia menos da metade. Então escrevi a Swami como se Ele não soubesse: “Me chamo Marcelo Berenstein, trabalho com isso, ganho tanto, me ofereceram este trabalho, vou ganhar tanto, mas acho que vai servir para minha carreira profissional. O único que peço é que me dê um desses sinais: ou que pegue essa carta, ou que tire a primeira fila, ou que possa fazer padanamaskar, ou que me chame para uma entrevista.” Tirei a primeira fila, levou a carta, me permitiu padanamaskar, me chamou para entrevista. E nem perguntei do trabalho. Voltei, renunciei no dia 1º de dezembro. No dia 6 de janeiro me despediram do meu novo trabalho e fiquei sem nada. Por procurar fora o que está dentro. Agora, na Organização Sai, não importa se somos poucos; temos que ter qualidade. Agora, se queremos darshan, se queremos que leve a carta, ou beijar seus pés ou entrevista, temos que procurar dentro. O que vale mais: três pessoas conectadas com Deus em seu interior ou 20 indo para a Índia para tentar entregar uma carta? Essa é minha experiência. Não é para que ninguém faça isso ou me diga que concorda ou discorda. Cada um tem seu próprio caminho e o meu é o meu e de nenhum de vocês. Sejam felizes, porque essa é a única obrigação que temos. Sai Ram.

Sai Ram, Marcelo. Realmente, não posso parabeniza-lo, porque sei que não foi você que falou, mas Swami através de você. Fiquei muito inspirado com as suas palavras! Não foram somente anedotas e experiências, mas realmente você transmitiu os ensinamentos que cada uma lhe deixou. Recebemos muitas perguntas. Vou fazer algumas de forma sintética, se não ficaremos conversando até amanhã. Uma pergunta é... que muitos nos fazem... qual foi a resposta de Swami sobre a paz mental, exatamente?

Primeiro, me disse: você não prestou atenção porque Eu já falei disso. E depois perguntei outras vezes e sempre me dizia o mesmo: “quando a pessoa diz ‘eu quero paz’, é só tirar o ego (o ‘eu’) e o desejo (o ‘quero’) e fica a paz”. Pelo menos me perguntaram pela resposta e não se eu consigo isso. Eu tento e muito de vez em quando consigo. Mas funciona e vale a pena tentar.

Na nossa vida como discípulos espirituais devemos continuar tentando até que um dia estejamos estabelecidos nessa paz. A outra pergunta é: na sua experiência, como nos entregar à vontade de Swami nos permite viver nossa realidade de forma consciente?

Bom, não é ciência, então não vou dar uma resposta que possam encontrar em livros, mas simplesmente o que funciona para mim. Entrego, confio, aceito e agradeço e desfruto de tudo que acontece comigo. Se vê que pelo meu karma, pelas minhas vidas passadas, pela necessidade da minha vida atual, às vezes preciso ser chacoalhado muitas vezes para perceber. Começo até a me sentir entediado quando tudo vai bem ou tranquilo do ponto de vista mundano. Eu sei que a qualquer momento Swami vai mandar uma tormenta para que eu aprenda e aí eu desfruto. Funciona para mim. Cada um precisa buscar seus próprios métodos. Em uma entrevista no ano de 1989, em dezembro – Swami nos deu três entrevistas em uma semana – em uma delas, nos disse textualmente – por isso posso repetir sem medo de me equivocar, pois são palavras textuais – “nenhum de vocês está preparado para receber o que Eu vim dar a vocês. Por isso vocês precisam dar as boas vindas à dor, como se fosse o mais sábio de seus mestres. Como nenhum de vocês está preparado para receber o que eu vim dar, tenho a obrigação de lhes dar muita dor, muita dor, muita dor” – disse três vezes. E depois deu o sorriso mais doce que eu já tinha visto e disse: “mas somente eu, como Deus, conheço o verdadeiro limite de cada um de vocês. E quando chega esse ponto, paro e os acaricio”. Então vem uma tormenta e desfruto, porque sei que depois vem a carícia. E disfruto da carícia porque me

prepara para a próxima tormenta. É degrau, degrau, degrau, degrau. Não sei quão longe eu estou de me fundir em Deus. Tenho a convicção de que estou mais próximo do que antes.

Sem dúvida. Outra pergunta é: qual é o melhor serviço diário que podemos fazer?

Ser coerentes é o melhor serviço diário. E ser felizes. Isso é parte da coerência. Como podemos dar ao outro o que nós mesmos não temos? Não é dar o que nos sobra, é compartilhar o que possuímos. Então, se não somos felizes, como podemos servir o outro? Se faz frio, podemos ir, como um caminhão do exército, doando cobertas. Mas se essa coberta é acompanhada de uma palavra, um gesto, um olhar, com compreensão, de alguém que está realmente feliz, vamos inspirar. Então o melhor serviço é ser coerente. Porque Swami nos diz que nossa única obrigação é ser sempre felizes. E também nos diz que Ele é Deus e nós também. A única diferença é que Ele é consciente e nós estamos no caminho para a consciência. Então como podemos repetir, como um papagaio, com a boca, “somos Deus, somos Deus, somos Deus”, se somos amargos, se não temos humor? Que amor existe sem humor? Nem sequer o amor de uma mãe, que é o amor mais próximo do de Deus que se pode conhecer, não é amor se não tem humor. A mãe pode parecer brava, como fazia Swami com seus estudantes, mas seu coração se derrete de amor. Então agreguemos humor ao amor. Vamos aprender a ser felizes. Se queremos repetir que somos Deus, temos que ser Deus. E como é Deus? Sempre feliz. Imutável diante daquilo que aparentemente é bom e do que aparentemente não é bom.

Marcelo, você respondeu várias das perguntas que vinham a seguir. Então, como já estamos no limite de tempo, vou fazer uma última. Se puder falar da lembrança de ter trabalhado com crianças no primeiro Centro Sai da Argentina.

Claro. Quero contar o seguinte. No ano de 1995, na Conferência Mundial, Swami deu um mandato, que era voltar a cada país e que cada região comece a trabalhar no programa de jovens. Isso foi em 95. Em 1996, eu era presidente do Conselho Central. E com Ney Maranhão, que era vice-presidente, que é um irmão de alma, dissemos: neste ano vamos construir a área de jovens. Aconteceu o primeiro encontro latino-americano em Buenos Aires e depois um em cada país. Depois veio Chile, Rio de Janeiro, Uruguai, Lima, Equador, Colômbia, Venezuela... Isso havia sido 25 anos atrás. E conversando com a Malala pelo whatsapp há duas semanas, disse: “Que lindo seria nos reencontrarmos”. Na segunda fizemos uma convocação tímida e em uma semana, quase 100 jovens dos anos 95 a 2000, 2002, 2003, nos reencontramos num encontro maravilhoso. Então não sei como era trabalhar naquela época. Sei o que sinto agora ao vê-los e vejo muitos com responsabilidades na Organização Sai. Sérgio Espíndola, por exemplo, participou desse primeiro encontro de jovens e hoje é chairman da nossa região. Ada Espíndola participou e está no comitê de expansão. Sandra Mesa participou desse primeiro encontro e é a responsável pela Organização Sai do Uruguai. Monica Brito é presidente da Fundação. E assim, tantos e tantos, também no Paraguai. Tantos outros. Tantos outros. Então não me lembro exatamente o que fazíamos, porque hoje sinto o mesmo prazer e a mesma felicidade de semear, de regar, e de deixar que os resultados sejam de Deus. Nunca trabalhamos ou fizemos os encontros com o objetivo de que alguém seja o presidente da região 23... que cada um de vocês esteja com alguma responsabilidade dentro da Organização Sai. Nunca. Simplesmente somos jardineiros que jogam as sementes, regam e que a planta cresça do tipo que tem que crescer. Que seja uma flor que um dia feneça, ou que seja um bambu que cresce alto, sólido; que pode se dobrar mas que não se quebra apesar do vento forte.